

Contas de cabeça com João Vicente Ribeiro

CONDUZIDAS POR CARLA REIS COSTA (TSF) E ANTÓNIO PEREZ METELO (DN)

2006 será o ano dos 'business angels'**"Os privados visam o lucro. Mas importante é que sejam empresas de sucesso"**

■ ANTÓNIO PEREZ METELO

Para falar com João Vicente Ribeiro, 57 anos, com uma carreira construída na banca com etapas em Luanda e Londres, convém ter à mão um dicionário de economês. O homem que fez saltar a criação de empresas com apoio da PME Investimentos das 8, em 2004, para as 23 (com possibilidade de chegar às 28...) em 2005, sente-se bem no linguajar cosmopolita dos homens de negócios de qualquer parte do nosso planeta.

Desde que aceitou presidir à sociedade pública de capital de risco no ano passado, a actividade deu uma reviravolta total. Largou o conceito de "hospital de empresas" em dificuldade, herdado do SUL, PEDIP, e João Vicente Ribeiro passou a apostar no lançamento de raiz de novas empresas com ideias inovadoras susceptíveis de conquistar clientela nos mercados globais. É a própria relação com elas por parte da sociedade de capital de risco mudou: "Em vez dos

equity loans, passámos ao *full risk*, sobretudo nos *early stages*, no *seed capital* e nas *start ups*."

Ou, se preferirem, em vez de dar empréstimos para capital, que faziam a PME Investimentos estar a meio gás nas empresas apoiadas, passou a assumir por inteiro os riscos de cada novo negócio desde o início. O objetivo declarado é o de criar empresas de sucesso, promovendo o espírito empreendedor.

Se tivermos em conta que o sector do capital de risco é formado por 20 sociedades, que, ao todo e por todo, estão presentes em 67 empresas, temos a noção do impacto que a acção de João Vicente Ribeiro já tem ao fim de ano e meio de trabalho. Mal correu a notícia de que a PME Investimentos arriscava a sério em projectos empresariais inovadores com potencial de internacionalização e, por maioria de razão, promotores de novas tecnologias, as propostas não faltam. O essencial é saber fazer bem a avaliação dos projectos: muitos podem até ser apaixonantes na sua concepção, mas carecem das competências necessárias para serem postos em prática: "Risco não é aventura. Só pomos dinheiro no que acreditamos que tem condições para ter sucesso." Na opinião de uma capital de risco



DN João Oliveira Silva

espanhola, este boom de novas empresas expôs a PME Investimentos um pouco de mais, mas João Vicente Ribeiro mostra-se confiante. Para ele, todas as empresas lançadas vão progredir, algumas emergirão já como grandes sucessos no próximo ano. Fracassos, tão próprios deste sector, ainda não se adivêm.

"2006 vai ser o ano da criação de um *network* de *business angels*." Esta rede de apoios de negócios tem ainda de ser criada. Trata-se de detentores de capital, em muitos casos gestores de topo, reformados ou não, que estão dispostos a arriscar parte dos seus activos em novas ideias e novos projectos.

João Vicente Ribeiro já trabalha com uns três ou quatro, mas podem ser já dez vezes mais se o fisco concedesse às mais-valias destes anos de negócios o mesmo tratamento fiscal que concede aos fundos das sociedades de capital de risco. Como acontece, de resto, lá fora. O Governo estará a estudar o assunto e o entrevistado mostra-se confiante de que serão seguidas as melhores práticas internacionais nesta matéria.

Vicente Ribeiro não aceita a ideia de se ter passado para o sector público: está transitoriamente nele, com o que tem de prós e contras. Enaltece o trabalho de alta

qualidade dos 16 colaboradores da PME Investimentos, entusiasmadoss com a dinamização da sua actividade sem poderem beneficiar da panóplia de incentivos materiais que o sector privado oferece.

Mas a sociedade, por ser pública, não se limita a lançar novas empresas, já realizou 15 acordos com universidades, centros tecnológicos e incubadoras de empresas para fomentar o empreendedorismo. E também aposta na expansão do próprio sector do capital de risco: este ano a PME Investimentos já ajudou a criar 6 novos fundos.

A relação com as empresas participadas também mudou: "Não pomos só dinheiro. Montamos um tripé: primeiro, nomeamos um administrador não executivo, sempre disponível para ajudar na gestão estratégica da empresa; segundo, o ROC (revisor oficial de contas) tem de ter o nosso acordo e os relatórios têm de ser trimestrais; terceiro, há sempre um técnico da PME Investimentos que acompanha a empresa desde a sua fundação."

É João Vicente Ribeiro remata: "O Presidente da República deu-nos uma ajuda preciosa ao chamar a atenção para o sector. Em 2006 vamos consolidar o que lançámos em 2005."



Risco não é aventura. Só pomos dinheiro no que acreditamos que tem condições para ter sucesso